



afincadamente, tentando ultrapassar desavenças e descontentamentos. Beckett virá?

Início dos anos setenta. Em Luanda, durante a desmontagem da última actuação de *À Espera de Godot*, as personagens concluem que ainda há alguma coisa a fazer. Haveria? Entre uma e outra e ainda uma terceira estreia, o país mudara muito, muito, muito... mas não o suficiente. *À Espera de Godot* é uma reflexão sobre a vontade de não fazer nada e a obrigação de mudar.

*À Espera de Godot*, de Beckett, estreou em Abril de 1959, no Teatro da Trindade, com tradução de Nogueira Santos e encenação de Francisco Ribeiro, o Ribeirinho de filmes como *O Pai Tirano* ou *O Pátio das Cantigas*. Em Maio, o espectáculo seria apresentado no Teatro Nacional São João. Em Março de 1969, Ribeirinho remontou a peça, de novo no Trindade. Em 1973, Ribeirinho fez a derradeira tentativa de falhar melhor, apresentando a peça em várias localidades de Angola, a colonos e militares, com a companhia itinerante Rafael Oliveira. Em Fevereiro de 1969, Beckett refugiara-se no Hotel Cidadela em Cascais para passar algumas semanas do Inverno. De férias em Cascais, tentando ler os jornais portugueses, terá Beckett sabido que em Lisboa se ensaiava a sua peça? Como reagiriam os actores se soubessem

que Beckett vinha? E como reagiria Beckett ao ver a sua personagem Gogo feita pelo mesmo actor de Chico Mega, de *O Pai Tirano*, ou de Rufino Fino, de *O Pátio das Cantigas*?

O dramaturgo francês Jean Anouilh considerava *À Espera de Godot* a peça mais importante a estreiar em Paris desde a apresentação de *Seis Personagens à Procura de um Autor*, de Pirandello. Anouilh via a peça de Beckett como “um *sketch* de *music-hall* dos *Pensamentos*, de Pascal, interpretado pelos palhaços Fratellini”. Por essa ordem de ideias, em Portugal não só Ribeirinho seria a pessoa ideal para fazer esta peça, como entre os seus companheiros poderiam até estar outros comediantes da época: António Silva ou Vasco Santana, por exemplo. Melhor ainda: e se fossem as personagens de *O Pai Tirano* (que no filme levam à cena o dramalhão *O Pai Tirano* ou o *Último dos Almeidas*) a fazer *À Espera de Godot*? O ensaiador José Santana (Vasco Santana), o actor Francisco Mega (Ribeirinho), o contra-regra Machado (Armando Machado) e o ponto Pinto (Reginaldo Duarte) bem podiam ter sido Didi, Gogo, Pozzo e Lucky. As figuras fantasiadas juntar-se-iam aos actores que embarcaram na viagem de Ribeirinho: Fernando Gusmão, Canto e Castro, Costa Ferreira, João Lourenço,

Humberto de Andrade, Armando Cortez, Rui Mendes, Ruy de Carvalho.

Em *À Espera de Beckett* imaginamos estas e muitas outras possibilidades. O espectáculo é uma viagem pelo imaginário colectivo, onde se cruzam as lembranças de personagens de teatro com os factos da história de um país. A partir de uma sala de ensaios ficcional, que atravessa três décadas, pomos em cena a necessidade de seguir o guião ou de romper com ele de vez. Como nos sonhos, as pessoas tornam-se outras pessoas sem mais nem menos. Nesta peça, por exemplo, o actor Pedro Diogo faz de Francisco Ribeiro, que por sua vez faz de Chico Mega, que por sua vez faz de Estragon: Pedro enquanto Ribeirinho enquanto Chico enquanto Gogo. Estêvão enquanto Mestre Santana enquanto Didi. Óscar enquanto Machado. Mário Moutinho enquanto Ponto Pinto. Qua qua qua qua.

☆ ☆ ☆

*À Espera de Beckett ou quaquaquaqu* estreou em novembro de 2017, em Lisboa, nos 150 anos do Teatro da Trindade, com encenação de Jorge Lou-raço Figueira, cenografia e figurinos de Patrícia

Pescada, desenho de luz de José Neves, som de Pedro Pires Cabral, produção de José Luís Ferreira, e interpretação de Estêvão Antunes, Mário Moutinho, Óscar Silva e Pedro Diogo. A partir de 2019, Estêvão Antunes foi algumas vezes substituído por João Delgado Lourenço, e a produção e direção técnica passou a ser feita por Amarílis Felizes.

A criação do espetáculo foi financiada pelo Trindade, e ainda pelo Teatro Constantino Nery (Matosinhos) e pelo Teatro Sá de Miranda (Viana do Castelo), lugares onde foi visto já em 2018. Em 2019, a peça foi apresentada no Teatro Carlos Alberto (Porto), no Teatro Municipal Joaquim Benite (Almada), no Teatro de Vila Real, na Festa do Avante, no Teatro Aveirense e na Oficina Municipal de Teatro (Coimbra); em 2020, no Centro de Artes e Espetáculos de Sever do Vouga; em 2021, no Cine-Teatro Garrett (Póvoa de Varzim) e na Tuna Musical de Santa Marinha (Vila Nova de Gaia); em 2022, no Teatro Sá da Bandeira (Santarém) e no Esther de Carvalho (Montemor-o-Velho).

O texto foi escrito a partir de fragmentos de diálogos e de improvisações com os atores e fixado ao longo dos ensaios. Depois de estrear, incontáveis alterações foram sendo feitas ao texto

e à encenação, para exaspero dos atores. Cada vez que se voltava à cena, a paciência do elenco era testada. Até na fixação do texto desta edição a cumplicidade dos atores foi posta à prova. Revelou-se, como diria o Mestre Santana, de *O Pai Tirano*, fundamental!... Para eles o meu agradecimento.